

Carta a Jais

Minha adoravel amiga

Cá recebi os recados
Em suas cartas mandadas,
Causa que muito me obriga

Ter uma cabecinha cheia
De uma lembrança aborrente
Mande lembranças à gente,
E' causa bem rara, creia.

Amar é muito egoísta;
E quando amor e rauidade
Se juntam - pode amirade
Haver que a isso resista?

Si alguém se quizerar é talo
Ou nunca amou nesta vida;
Lembrar-se de outros é dolo
A' creatura querida.

Penre n' Elle, n' Elle só!
Náo se lembre mais de nada!
Porque todo o resto é pó
Que o vento eleva da estrada.

Viva na roictão discreta
Do amar que o peito lhe escarva
Como no cáculo a larva
Que vai virar borboleta.

A naira é larva amarrada
Vivendo no intimo apar

De ser phalena radiosa
No suspirado amantã.

Sei que está tecendo as garas
Do seu bonito enxoval,
Tudo é - preparando as asas
Para o vôo nupcial.

Que as suas asas a elevem
Ao céu, sem descer jamais,
São os meus votos cordiaes,
Votos que todas subscrevem.

Como é feliz! É verdade....
- No mundo ha nada perfeito? -
Que os espinhos da saudade
Lhe pungem agora o peito....

Operae do divino poema
- Que é hoje o seu coração -
Está calcando o torrão
Dessa terra de Tracema.

Meas ceas aurenica é para o amor
V que o vento é para o fogo:
Si é pequeno - apaga - o logo,
Si é grande - faz o maior. »

E o de vocês é tão grande,
Tão pujante, tão iver,
Que a ausencia inda ^{expande} mais o
E mais duradouro o faz.

Como uma nuvem perpassa
 O sol se abscumbra um instante;
 Porém depois sua face
 Surge mais bella e radiante.

Assim dizce com paciencia
 Gue a nuvem manche o arrebol.
 Gue importa, si na consciencia
 Das nuvas fulgura o sol?

Mas que grande desatado!
 Para que estau a falar
 Na ausencia do seu amado,
 Fazendo a talvez chorar!

Poco perdoar. Entretanto
 Tenho de mim para mim
 Gue das seus olhos o pranto
 Corre num fluxo sem fim.

Si isto é certo, faz mal, creia,
 Pois erre pranto a emmagrece,
 O seu nariz enrubece.
 E acaba tomando-a.... feia!

Feia? Não! Peto-o e dito!
 Há não está aqui quem falou!
 Gue um rostinho tão bonito
 Mais bello está si chorou.

Poetaria, por mais agra
 Gue a sua vaidade seja,

Engarde, que noiva magra
Faz má figura na igreja.

Alhe lá que se ficar
Só com pelle, lingua e osso
Vai de certo desgostar
Oreu bem amado Moco.

De noz e do Meston
Fá tagarellas de robra
Deixe que inude de tan
Outro assumpto. Mãos á obra.

Nós aqui no Bon Jesus
Levamos vida bem boa,
Tranquilla como a lagoa
Cheia de flores e luz.

O Major mais a Majora,
Desde que surge a manhã,
Agitam-se a toda a hora
Num incansavel apan.

A Dina, a Dedeta, a Alice
Eu, sh! não faremos nada,
Pois trabalhar é talice
Quando a vida é tão minguada

Comer, dormir e cantar
Eis o viver que levamos;
As proprias aves nos ramas
Estão a nos invejar.

Eu das aspectas diversas
 Da Natureza, me inspiro
 E erras impressões transpiro
 Sob o feitiço de versas.

A Diva, embora feliz,
 Canta quando fica triste
 Erra madrinha que diz:
 « Derde o dia em que partiste... »

A Dudeta pinateia
 Pela cara em doidos giros,
 Canta, ri, salta, esperneia,
 Sempre ás voltas com o Suspiro.

Mice canta com a Diva
 — « A janella está fechada »;
 Bebe leite, está mais viva,
 Mais nutrida e mais corada.

Carrim vão todas vivendo
 Na santa paz do Senhor;
 Brindo, cantando, comendo...
 Pode haver vida melhor?

E enquanto o tempo se escoa
 Num deslizar doce e lento,
 Penso no triste momento
 De deixar terra tão boa.

Não, minha, neste não falles!
 O ponto final escreve!

Adieu, Taidá, até breve.

Seu servo infimo,

Bom Jesus 27 Fevereiro, 1900

P. S.

Os maiores, a Dedêta,
A Diva mais a Lãim
A D. Bertha e do Pallete
Mandam saudades sem fim.

A Estella, Mimi, Maria
Luiza, — que é tão gentil —
Recebam beijos aos mil
E me mandam todas d'aqui.

Charta, que estava tremendo
Com a mão p'x'aqui p'x'acalá...
Vou comer, que estava morrendo
Mas é de fome, Taidá!

Bom Jesus,
27-2-1900.